



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

MULHER E POLÍTICA: A DISCURSIVIZAÇÃO DO CUIDADO DE SI E DO OUTRO EM ISTO É

Mayara Archieris Amorim
(UESB)

Thiago Alves França
(UESB)

Maria da Conceição Fonseca-Silva
(UESB)

RESUMO

Baseando-nos em postulados da Análise de Discurso de Linha Francesa, em pressupostos teóricos de Michel Foucault e em contribuições da Ciência Política, apresentamos, neste trabalho, os resultados das análises de formulações encontradas em recortes da revista Istoé. É proposta deste trabalho verificar alguns sentidos (re)produzidos na revista Istoé no que diz respeito a mulheres que se subjetivam no lugar de político.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher, política, discurso

· Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis). Bolsista de Iniciação Científica da Fapesb. E-mail: mayararchieris@hotmail.com

· Mestrando no Programa de Pós Graduação em Linguística (PPGLin-Uesb) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis). Bolsista Fapesb. E-mail: thiagufsa@gmail.com

· Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, professora do quadro permanente do Programa de Pós Graduação em Linguística (PPGLin-Uesb), professora do quadro permanente e coordenadora do Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGmemorials-Uesb) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis). E-mail: con.fonseca@gmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

INTRODUÇÃO

Considerando que as revistas materializam, com algumas seleções, os discursos de uma época que circulam na sociedade, objetivamos, no trabalho aqui desenvolvido, identificar quais discursos sobre a mulher enquanto sujeito político que atua na esfera do poder executivo estão materializados na revista Istoé. Entendemos as revistas como lugares de memória discursiva (FONSECA-SILVA 2007a, 2009) e consideramos, a partir de Fonseca-Silva (2009), que as redes de mídia são lugares nos quais se encontram manifestações de atividades políticas.

Para procedermos ao desenvolvimento da pesquisa, utilizamos um corpus constituído por reportagens que circularam em edições do referido periódico no período entre 1999 a 2010. Para a análise das formulações selecionadas para estudo, recorreremos a contribuições da Ciência Política, a pressupostos teóricos da Análise de Discurso de Linha Francesa e a alguns postulados formulados por Michel Foucault em seu quadro teórico.

É necessário salientar que, em nosso texto, tomaremos o enunciado a partir da perspectiva foucaultiana, ainda que seja necessário considerar apropriações no uso que fazemos, já que é possível observar diferenças entre o trabalho aqui desenvolvido e os que foram desenvolvidos por Foucault. O que nos interessa, no entanto, não é a noção de enunciado em si, mas a posição de sujeito a ele associada. Assim, não retomaremos a discussão acerca do enunciado, mas falaremos indiretamente dele quando tratarmos de posição de sujeito, já que este é um dos critérios para que, segundo postulados foucaultianos, um enunciado possa ser identificado.

Considerando ainda os postulados foucaultianos, especificamente a noção de condições de possibilidade, e neste caso de condições que possibilitam a discursivização da mulher no cenário político em Istoé, verificamos que essa



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

discursivização é possível pela maior participação de mulheres nas esferas de poder político, ou seja, pela democratização de tais esferas, e neste aspecto não se pode deixar de considerar a contribuição histórica do feminismo. Prado (2010), baseando-se em Fonseca-Silva (2007b), discute as diferentes formas de participação das mulheres nos lugares do poder político no Brasil ao longo dos anos, e indica que o índice de mulheres alfabetizadas no Brasil era pequeno na primeira metade do século XIX. Segundo a autora, esse cenário muda a partir da segunda metade deste mesmo século quando mulheres que voltaram ao Brasil depois de estudarem em outros países passaram a se engajar na luta pela conquista de direitos políticos, abrangendo-se nessas reivindicações o direito ao voto. Dessa forma, a conquista do sufrágio feminino possibilita maior participação das mulheres em outras questões políticas, considerando-se que o processo de redemocratização na década de 80 intensifica ainda mais essa participação feminina no cenário político brasileiro. Assim, verifica-se que este processo possibilitou maior acesso das mulheres às esferas de poder, ainda que a atuação feminina nesse espaço seja pequena se comparada à participação de homens.

A mulher na política: análises de caso

Vejamos a primeira formulação analisada:

- 1) “Após uma campanha marcada por xingamentos e várias caras feias, falar de beleza é um alívio. Com a saída de Rita Camata (PMDB-ES), o posto de musa da política vai para Valéria Pires Franco, 33 anos, primeira mulher eleita vice-governadora do Pará. Ex-apresentadora da Globo em Belém, ela é casada com um deputado do PFL e mãe de cinco filhos. Nunca havia concorrido a um cargo no Executivo, mas, ao aparecer nos comícios, fez a eleição virar a favor do companheiro de chapa, Simão Jatene (PSDB). ‘Não fui eleita com base em minha aparência, mas por ter-me tornado um exemplo de coragem contra o machismo’, crê. No campo petista, a revelação é a baiana Aline Mendonça, uma ex-



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

estudante de administração de 28 anos. Mulher do marqueteiro Duda, de quinta-feira a domingo ela trocava Salvador por São Paulo para mimá-lo. ‘Só dava as caras nos bastidores, para ele não se enciumar’, diz” (Istoé, 07 de novembro de 2002) (Grifo nosso).

Na formulação 1, as expressões destacadas permitem-nos verificar o funcionamento de alguns discursos ou efeitos de sentido (Pêcheux, 1969; Pêcheux e Fuchs, 1975a). Observamos que a introdução da abordagem da temática “beleza” funciona como modo de aliviar o desenrolar de uma campanha eleitoral caracterizada por um clima de tensão e marcada por discussões de questões sérias e desentendimentos (Após uma campanha marcada por xingamentos e várias caras feias, falar de beleza é um alívio). A partir daí se desenha um afastamento entre a política e as questões estéticas, como se uma impossibilitasse a outra. A abordagem da questão estética é apresentada, portanto, como uma questão leve que causa a sensação de alívio, e esta leveza se dá, neste caso, numa associação à mulher.

A formulação 1 materializa um discurso que circula socialmente, de modo que, em certo sentido, é legítimo associar mulher à estética e assim separá-la da política, entendendo que a legitimidade trata da real existência de tais enunciados em círculos que os (re)produzem. No entanto, considerando aquilo que Pêcheux já havia formulado na primeira fase da AD, ainda que esta noção tenha sofrido alteração à medida que a teoria avançava, o que não está materializado também significa. É também a partir daí que Orlandi (2010) pode formular sobre o silêncio e seu papel fundante na significação.

Segundo Pêcheux (1969), “não podemos definir a ausência de um efeito de sentido senão como ausência específica daquilo que está em outro lugar” (p.149). Assim, da mesma maneira que é possível associar mulher à estética e, assim, a não política, têm correspondente real também os discursos que associam o cuidado com o corpo a todos, independentemente do sexo. O que é discursivizado na

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

formulação 1 significa em relação ao que está ausente, isto é, presente em outro lugar, e esta seleção sobre o que materializar não se dá de maneira acidental, uma vez que reproduz o sentido de dissociação entre homem e estética e entre mulher e política.

Na formulação 1, discursiviza-se a prática de escolher uma mulher para ocupar o cargo de musa da política, da mesma maneira que há o costume de se escolher uma mulher para ocupar o cargo de Miss em concursos de beleza. Ocorre, inclusive, a sucessão da “faixa”, de modo que, com a saída de Rita Camata, ocorre a transferência do posto de musa da política para Valéria Pires Franco, da mesma maneira como é comum, em concursos de beleza: a Miss do ano anterior passa a faixa para a Miss atual. Não é desnecessário considerar que ocorre aqui um silenciamento de que as questões estéticas também interessam aos homens e que o cuidado com o corpo e os desdobramentos estéticos não são específicos das mulheres.

Nessa formulação, não se pode deixar de observar que o lugar de subjetivação do sujeito político é apontado, considerando-se que se discursiviza sobre a miss da política, e não sobre a miss Brasil, por exemplo. Desse modo, só é possível a sucessão do posto de musa da política para Valéria porque ela primeiro se subjetiva na posição de sujeito político. Ainda que a questão estética seja discutida, o lugar político é apontado, e esse funcionamento possibilita o sentido de anterioridade: é preciso primeiro se subjetivar no lugar de sujeito político para que a discursivização no periódico seja possível.

Ainda na formulação 1, em se tratando especificamente da discursivização de Valéria, observamos que a formulação em questão materializa um discurso feminista, como pode ser verificado na expressão “primeira mulher eleita vice-governadora do Pará”. Nessa expressão, destacamos o funcionamento deste discurso que funciona como uma comemoração e reconhecimento pelo lugar



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

político ocupado pela primeira vez por uma mulher. Mesmo que, nesta formulação, predominantemente, a questão política se dê atravessada pela questão da estética, vemos os sentidos que, em alguma medida, poderiam ser concorrentes, compartilhando um mesmo espaço, exatamente porque o sentido tem suas fronteiras com aquilo que a ele se opõe, de modo que é na oposição que o valor, nos termos do Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1916) se dá e é nessa relação de negatividade e diferença que também o sentido se produz.

Nas marcas da própria estrutura linguística da formulação 1, na qual Valéria também afirma que não foi eleita com base em sua aparência e, sim, por lutar contra o machismo, mais uma vez funciona um discurso feminista ('Não fui eleita com base em minha aparência, mas por ter-me tornado um exemplo de coragem contra o machismo', crê). Ainda assim, identificamos o funcionamento de um contra-discurso que destaca os seus atributos físicos, como aponta o "crê", como verbo dicendi, que, após a enunciação de Valéria, produz um efeito de sentido acerca da idiosincrasia desta afirmação, de modo que o fato de ter sido eleita por ser um "exemplo de coragem contra o machismo" e não por sua aparência pode ser apenas o que ela supõe, não correspondendo à justificativa dada por outrem ou ao que de fato ocorrera. O "crê", que marca uma variação de interlocutor, funciona nesse descrédito à afirmação de Valéria.

A mulher, durante muito tempo, foi concebida como que apartada de qualquer função exercida fora do lar. Dando sequência à associação historicamente constituída, verificamos em 1 que Valéria, mesmo estando em evidência no periódico por ocupar um cargo político, se subjetiva no lugar de esposa e no lugar de mãe (ela é casada com um deputado do PFL e mãe de cinco filhos). Assim, além de exercer funções fora do lar, a mulher ocupa ainda as posições de mãe e esposa,

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

ou seja, ocupa a esfera privada²⁸⁶ ou do lar. Destaquemos, porém, que não se discursiviza acerca de uma suposta incompatibilidade entre essas diferentes funções.

Continuando a análise da formulação 1, observamos também que apesar de Valéria ainda não ter disputado uma função no Executivo, o simples fato de ter participado dos comícios ao lado do colega Simão é discursivizado como tendo um efeito positivo na campanha (Nunca havia concorrido a um cargo no Executivo, mas, ao aparecer nos comícios, fez a eleição virar a favor do companheiro de chapa, Simão Jatene (PSDB)); isso mostra que, nessa formulação, a presença de uma bela mulher nas disputas eleitorais é supostamente considerada capaz de favorecer a conquista de votos por uma determinada chapa, porém, sublinhamos, não por reconhecimento político, mas, antes, por questões estéticas.

Em 1, a discursivização se apoia em um já-dito, no sentido de Pêcheux (1975b), próprio do senso comum, segundo o qual a presença de uma candidata nas eleições é capaz de atrair votos do eleitorado feminino, que implica também que a questão estética interessa exclusivamente às mulheres. Além disso, identificamos o funcionamento de esquecimentos, como, por exemplo, o de que ao homem também se associa o cuidado com a aparência, inclusive na esfera política, e que esta poderia ser também para ele um motivo capaz de influenciar a escolha dos candidatos, ainda que os eventos políticos apontem o contrário tanto em homens quanto em mulheres.

Destacamos o fato de que, na cadeia significativa materializada na formulação 1, primeiro diz-se da beleza de Valéria para depois falar que ela, pelo

²⁸⁶ Okin (2008) afirma que é comum entender que a distinção entre a esfera pública e a privada se dá de maneira clara e óbvia, e que essas nomenclaturas são precisas. Contrariamente, ela aponta duas ambiguidades referentes à utilização dessas expressões: a primeira refere-se ao uso desses termos para designar o Estado em oposição à sociedade; a segunda diz respeito ao uso desses termos para designar a vida não-doméstica em oposição à vida doméstica. Esclarecemos que em nosso trabalho a utilização do termo “esfera pública” refere-se à vida não doméstica, ao que é do conhecimento de todos, enquanto o termo “esfera privada” diz respeito à vida doméstica da pessoa, ou seja, ao espaço de intimidade, particular e reservado.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

simples fato de aparecer ao lado do companheiro de chapa, fez com que a eleição virasse a favor dele. Produz-se um efeito de causa e consequência: por se bela, trouxe ganhos políticos. Já dissemos, contudo, que se trata de um silenciamento que serve a estratégias linguísticas específicas e que, no sentido (re) produzido neste excerto, política e estética não são incompatíveis. Muito pelo contrário, a beleza pode ser uma ferramenta política.

Ainda em 1, acerca de Aline Mendonça, observamos que ela se subjetiva na posição de esposa e na posição de mãe (Mulher do marqueteiro Duda, de quinta-feira a domingo ela trocava Salvador por São Paulo para mimá-lo). Tal associação pode ser feita pelo fato da mulher ser historicamente associada à posição de mãe, que pressupõe o cuidado com a família e a dedicação ao lar, o que inclui filhos e cônjuge, sem que qualquer incompatibilidade seja mostrada. A posição de esposa aparece também quando se discursiviza acerca do ciúme que Aline poderia causar no marido (Só dava as caras nos bastidores, para ele não se enciumar). Destacamos que a problematização não é puramente pela associação entre a mulher e a beleza, dando-se também na associação feita entre a mulher e o lar, e, mais especificamente, a questões que dizem respeito ao matrimônio.

Observamos, na primeira formulação, que, ao se falar da mulher na política, há referências aos afazeres, papéis e responsabilidades historicamente associados à figura da mulher, cabendo, neste cabedal de obrigações, o zelo com o casamento e o cuidado para com o esposo. Ainda assim, essas atividades não se opõem em termos de impossibilidade de co-existência em relação à vida política. Dessa forma, identificamos uma posição de sujeito segundo a qual não há incompatibilidade entre as atividades de cuidar de si e do outro (marido, filho, etc) e as práticas políticas.

Vejamos a segunda formulação:

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

2) **Dilma passa por sucessivas mudanças no visual e, segundo o cabeleireiro Celso Kamura, não é a mulher “fria e brava” que ele esperava encontrar.** Contratado pelo marqueteiro João Santana para “repaginar” Dilma, o cabeleireiro de celebridades, que cobra R\$ 7 mil por dia de consultoria e R\$ 350 por um corte, diz ter se surpreendido. “Ela nem é baixinha nem tão gordinha”, afirma. **A ex-ministra aceitou que Kamura cortasse seu cabelo à la Carolina Herrera, a famosa estilista venezuelana. Dilma só protestou quando Kamura resolveu radicalizar a cor das madeixas.** “Eu queria deixá-la morena, porque acho que ela tem alma morena. Pensei também num cabelo todo branco, estilo Meryl Streep.” **Em duas horas e meia de sessão, Kamura, além do penteado, atacou as sobrancelhas da candidata. “Aquele desenho deixava qualquer pessoa com cara de brava, arrogante.” Ele reduziu, então, a curvatura da sobrancelha, tirando o excesso da parte de cima e não embaixo, como ocorre com a maior parte das mulheres. Depois, ensinou Dilma a “esfumaçar” um pouco mais os olhos e dar mais vivacidade ao rosto, com blush coral e batom de tonalidade mais terrosa. Santana contratou também a maquiadora brasileira Rose Paz como assessora de Dilma, para manter diariamente a repaginação feita por Kamura. A cada pausa da candidata, Rose aparece com sua maleta cheia de pós, sombras, batons, pincéis e aerógrafo para retocar a pele conforme a técnica de AirBrush, indicada para cobrir as linhas do tempo”** (Istoé, 02 de Junho de 2010) (Grifo Nosso).

As expressões destacadas em negrito na formulação 2 indicam a necessidade das mulheres na política dedicarem-se ao cuidado com a aparência do corpo, o que indica uma compatibilidade entre a atividade política e a estética. É necessário sublinhar que essa abordagem não desqualifica a mulher discursivizada, já que o cuidado consigo é necessário também para os que ocupam o poder. Nesse sentido, o cuidado com a aparência é considerado um fator importante para mulheres, já que a estética caracteriza a mulher a partir de elementos visuais que indicam feminilidade, como maquiagem, cortes de cabelo e estilos de roupa, e tais cuidados constituem um procedimento justificado e necessário: o cuidado de si. Além disso, identificamos o silenciamento de que as



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

práticas de cuidado de si podem funcionar também para os homens, já que a identificação com o cuidado do corpo não é uma questão relacionada ao sexo, como mostra Fonseca-Silva (2007b).

Verificamos, desse modo, que Dilma se subjetiva na posição de mulher na política que se ocupa também dos cuidados estéticos. Apesar disso, é necessário destacar que a candidata aparece na discursivização de Istoé não por dedicar-se aos cuidados com o corpo, mas por se subjetivar no lugar de sujeito político. É esse funcionamento que nos permite identificar um sentido de anterioridade: primeiro é preciso ocupar o lugar de sujeito político para depois aparecer na discursivização do periódico.

A formulação 2, discursiviza, dentre outras coisas, acerca dos efeitos do embelezamento do rosto. O fato de Kamura ter ensinado a Dilma algumas dicas de maquiagem demonstra que ela não sabe se maquiar, pelo menos não de maneira a fazer da maquiagem um artifício político que supostamente promove a identificação do eleitorado - sobretudo o feminino - com a candidata (ensinou Dilma a “esfumaçar” um pouco mais os olhos e dar mais vivacidade ao rosto, com blush coral e batom de tonalidade mais terrosa). No entanto, apesar do ensinamento, ela continua não sabendo cuidar da maquiagem e da aparência estética, sendo necessário, portanto, contratar uma maquiadora para acompanhar a candidata (A cada pausa da candidata, Rose aparece com sua maleta cheia de pós, sombras, batons, pincéis e aerógrafo para retocar a pele conforme a técnica de AirBrush, indicada para cobrir as linhas do tempo). Esse acompanhamento é necessário porque o político, seja homem seja mulher, ao cumprir as obrigações políticas deve ter cuidados estéticos, e, no caso da formulação, a mulher que se subjetiva na posição de político deve estar sempre bem vestida, penteada e maqueada.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Sublinhamos que não nos interessa se Dilma sabe ou não se maquiar. Importa-nos, isto sim, o sentido que se produz sobre a necessidade de cuidar-se e a imagem que se constrói para o eleitorado (além do penteado, atacou as sobrancelhas da candidata. “Aquele desenho deixava qualquer pessoa com cara de brava, arrogante). Assim, podemos afirmar que Dilma se subjetiva na posição de mulher que exerce uma função política em compatibilidade com a prática dos cuidados de si. Na formulação 2, identificamos, portanto, uma posição de sujeito na qual a mulher, inclusive a que pretende ocupar ou já ocupa um cargo político, deve dedicar-se ao cuidado com questões de aparência e beleza, sendo que tais questões não são discursivizadas como incompatíveis, mas são apresentadas como uma necessidade para os que ocupam o poder. Destacamos, novamente, o silenciamento de que tais práticas de embelezamento são também necessárias aos homens em cargos políticos, modificando-se, quando muito, os artifícios para embelezamento.

CONCLUSÕES

É importante destacar, por fim, que entendemos que as revistas não criam discursos, mas funcionam como lugares nos quais são materializados discursos que circulam na sociedade, e, por isso, os efeitos de sentido encontrados em Istoé poderiam estar materializados em outras esferas de circulação, já que não são exclusividade do periódico analisado.

A partir da análise de formulações de recortes da revista Istoé selecionadas para este trabalho, observamos que o periódico em questão, ao tratar das mulheres que ocupam ou pretendem ocupar alguma função nas esferas de poder político, discursiviza sobre a atuação política das mulheres, sobre questões referentes à vida privada da mulher e sobre as práticas do cuidado de si. No modo de discursivizar predominante nas formulações, podemos apontar o



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

funcionamento de uma posição de sujeito da qual se (re)produz o sentido de compatibilidade entre os cuidados consigo e com os outros e as funções políticas. Ainda que a segunda formulação discursivize sobre a necessidade de um cuidado estético, o que não aparece de todo modo na primeira formulação, em ambas há o mesmo sentido de não incompatibilidade entre o que poderíamos chamar de cuidados de si e do outro e as práticas políticas.

Além disso, verificamos que a associação entre a mulher que atua na esfera política com as questões referentes ao cuidado de si ou com os cuidados do lar e da família é apenas uma das formas de discursivização da mulher em Istoé, e que essa vinculação não é apontada em todas as mulheres discursivizadas na revista como mostraremos em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

FONSECA-SILVA, M. da C. Mídia e Lugares de Memória Discursiva. In: FONSECA-SILVA, M. da C; POSSENTI, S. (Org.). **Mídia e Rede de Memória**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007a.

_____. **Poder-Saber-Ética nos Discursos do Cuidado de Si e da Sexualidade**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007b.

_____. Funcionamento discursivo e cenas validadas de escândalos na esfera do poder político. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v.38, n.3, p.193-203, set.-dez. 2009. Disponível em <

http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_15.pdf>.

Acesso em: 02 set. 2010.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Edição original:1969.

OKIN, S.M. Gênero, o público e o privado. In: **Revista Estudos Feministas**. Vol.16, n.2, p. 305- 332. 2008. Disponível em <



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2008000200002&script=sci_arttext

Acesso em: 20 jan. 2011.

ORLANDI, E.P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F; HAK,T(Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010. P59-158. Edição original:1969.

_____. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. . In: GADET, F; HAK,T (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010. p.163-252. Edição original: 1975a.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. de Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. Edição original:1975b.

PRADO, C. O. **Memória e mulher que atua nas esferas do poder político**: tensão entre lugares de subjetivação na mídia. (Dissertação de Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2010. Disponível em <

http://www.uesb.br/mestradoemmemoria/dissertacoes/Prado_CO.pdf> Acesso em: 07 nov. 2010.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995. Edição original: 1916.